

# CHORAR POR MACABÉA – ENFRENTAMENTO DO DESAMOR EM A HORA DA ESTRELA

Marília Murta de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendo neste artigo fazer uma análise do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, enfatizando a descrição da personagem Macabéa e de seu lugar no mundo e a relação do personagem narrador Rodrigo S. M. com a história que conta e com os/as leitores/as que imagina para a sua história. Esta análise será colocada em diálogo com a conceitualização de Judith Butler sobre a interdependência e a vulnerabilidade. Diante da constatação da violência e do desamor que têm constituído nossas estruturas sociais e que marcam a trajetória de Macabéa, pretendo mostrar uma via de saída a este cenário, por meio do amor de Rodrigo S. M. por Macabéa e da proposta de Butler de que criemos um imaginário que nos possibilite vislumbrar um outro modo de nos relacionarmos socialmente.

**Palavras-chave:** Amor; Desamor; Interdependência; Vulnerabilidade.

## CRYING FOR MACABÉA – CONFRONTING LOVELESS IN *THE HOUR OF THE STAR*

54

**Abstract:** In this paper, I intend to analyze the book *A hora da Estrela*, by Clarice Lispector, emphasizing the description of the character Macabéa and her place in the world and the relationship of the narrator character Rodrigo S. M. with the story he tells and with the story he tells and the readers he imagines for his story. This analysis will be placed in dialogue with Judith Butler's conceptualization of interdependence and vulnerability. Faced with the observation of the violence and lack of love that have constituted our social structures and that mark Macabéa's trajectory, I intend to show a way out of this scenario, through Rodrigo S. M.'s love for Macabéa and Butler's proposal that we create a imaginary that allows us to envision another way of relating socially.

**Keywords:** Love; Loveless; Interdependence; Vulnerability.

### Introdução

Vivemos uma época em que os chamados *discursos de ódio* se proliferam e parecem tecer uma teia em que nos sentimos de algum modo aprisionados. A sensação de que a palavra perdeu seu poder de diálogo é frequente. Se o diálogo é o que nos conecta por meio da palavra, quando isso deixa de acontecer o próprio tecido social se esgarça. As conexões deixam de ser organicamente dinamizadas pelo movimento livre e fluido da palavra e passam a ser pontuais e

---

<sup>1</sup> Psicóloga (UFMG, 1994), mestre em filosofia (UFMG, 2009), doutora em teologia (FAJE, 2021). Se dedica a pesquisar a obra de Clarice Lispector desde 2006. Professora na FAJE desde 2015. <https://orcid.org/0000-0003-4063-3155>

dissonantes – pequenos grupos se formam e atacam outros tidos como diferentes e, portanto, inimigos.

Se não vemos nitidamente rotas de saída dessa teia, temos certamente intuições que apontam possibilidades de construção, senão de saídas, de transformação da teia que aprisiona em rede que conecta e protege a vida. Este texto pretende apontar as vias que percebemos no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que ajudam a vislumbrar uma transformação desse tipo.

O movimento geral do livro pode ser percebido em pelo menos quatro dimensões: a relação do personagem narrador Rodrigo S.M. com sua criatura, Macabéa; a inserção de Macabéa no mundo, sintetizada na imagem que mostra que vivia “numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, 1998, p. 15<sup>2</sup>); o fio de relações que a levam à cartomante e à morte ao final da história; a relação do narrador com os possíveis leitores do texto. Nesta última dimensão se dá o que pretendo aqui defender: que o narrador tem a intenção de nos conduzir ao movimento do amor, e que o amor é capaz de desfazer a teia de ódio, ou de desamor, em que estamos presos, assim como Macabéa.

Para tanto, antes de proceder à análise do texto de *A hora da estrela*, faremos uma contextualização do problema apontado no escopo das discussões filosóficas atuais, contando principalmente com o aporte da reflexão de Judith Butler em torno do tema da *vulnerabilidade*. Em seguida, mostraremos aproximações já feitas a esta temática no campo próprio das reflexões sobre – ou a partir de – *A hora da estrela*. Nas considerações sobre as muitas facetas do desafio que nos desune, darei ênfase à *misoginia* como traço marcante das relações que desamparam Macabéa.

Entretanto, antes ainda de iniciar o trajeto apontado, procedo a considerações de ordem metodológica.

## 1 Escavação filosófica na literatura

Venho há muitos anos desenvolvendo trabalhos de fronteira com a literatura, seja a partir da filosofia ou da teologia, tendo como principal objeto de pesquisa a obra de Clarice Lispector. Desde os trabalhos pioneiros de Benedito Nunes (com a abordagem filosófica de autores literários, entre eles Clarice Lispector) e Olga de Sá (com trabalhos instigantes sobre a obra

<sup>2</sup> Como essa obra será citada muitas vezes, a partir da próxima ocorrência a referência será feita pelas iniciais HE seguida do(s) número(s) da(s) página(s).

clariciana a partir da filosofia e em proximidade com a teologia), muito tem sido feito nesse campo, de modo que considero já ultrapassada a necessidade de justificar este tipo de pesquisa<sup>3</sup>.

O procedimento que aqui adotaremos parte da convicção de que a obra de Clarice Lispector está preñe de conteúdo filosófico que pode ser explicitado por meio de instrumentos próprios da análise filosófica. Trato aqui, portanto, de trazer à luz ideias de vulnerabilização, desigualdade, desamor e também de amor e cuidado presentes no texto de *A hora da estrela*. Tais noções encontram ressonância na atualidade filosófica, o que tratarei de mostrar na contextualização inicial. O resultado final da análise aqui apresentada se mostrará também marcado pela esperança teológica cristã, pelo fato de apostar no amor como saída para a situação apresentada por Rodrigo S.M. ao contar a história de Macabéa, que reconhecemos como parte da situação vivida por nós na atualidade.

De modo mais específico, a análise de *A hora da estrela* será marcada pela perseguição da palavra ‘amor’ e seus derivados no texto e pela reflexão sobre os contextos e as consequências envolvidos em cada aparição da palavra. Nesta perseguição, explicitaremos também os momentos em que a palavra ‘amor’ parece estar ausente, de modo a que essa ausência seja sentida como vazio. O desamor aparece nesses vazios e veremos como isso pode ser entendido como ausência dos apoios necessários à subsistência da vida, como mostra Judith Butler.

Esta análise pretende ser uma espécie de *escavação filosófica* na literatura clariciana e tem como objetivo mostrar a potência filosófica desta literatura. Mas não como um fim em si, até porque se trata de algo já demonstrado por um grande número de trabalhos, mas para que, ao nos expormos a essa potência, sejamos por ela tocados e assim participemos da possibilidade de que consequências éticas tenham lugar. A potência filosófica clariciana nos atinge na racionalidade e também nos afetos, o que tem, talvez, o poder de alterar os rumos de nossa ação no mundo.

## **2 Enquadramento filosófico-teológico: expressões do desamor**

O Papa Francisco aparece no cenário político mundial hoje como uma voz dissonante a repetir sem hesitação a defesa daqueles que chama de *descartáveis*, aqueles que já foram chamados de *condenados da terra, esfarrapados do mundo, vulneráveis*. Ao escolher o termo que remete ao *descarte*, Francisco deixa claro o movimento intencional do sistema político-

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Nunes, 1973; Sá, 1999; e meus próprios trabalhos: Almeida, 2011; Almeida, 2019; Almeida, 2021. Para considerações metodológicas, ver Almeida, 2011, p. 31-66; Almeida, 2021, p. 52-71.

social em que vivemos, que descarta aqueles que não servem a seus objetivos de produção incessante e lucro crescente. O desenvolvimento que se atinge neste sistema, entretanto, não é para todos, como lemos na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: “Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício duma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites” (Francisco, 2020, n. 18).

Deste modo, enquanto uns vivem aderidos e favorecidos pelo modo de vida que nos atinge a todos, outros tantos são expelidos e levados a viver à margem, cristalizando uma situação de desigualdade que parece imperar como inalterável. O Papa nos convoca à percepção da fraternidade como a força que tem o poder de nos unir e que deveria ser a organizadora de nossas ações. Essa é a esperança cristã à qual voltaremos no final deste texto. Por ora, vejamos com Judith Butler uma análise das entranhas da desigualdade que nos configura.

## 2.1 Vulnerabilidade

Judith Butler se destacou no cenário filosófico em 1990 com sua obra *Problemas de gênero*, em que problematizava a noção de gênero e a identidade do *sujeito do feminismo* numa perspectiva feminista inovadora. Sem entrar aqui no debate intenso gerado por essa obra e que ainda movimenta o ambiente filosófico e cultural, chamo a atenção para o fato de que, desde o início, a preocupação central de Butler é de ordem política e aponta para as relações de poder que produzem a substancialização – ou naturalização – de situações sociais que não são naturais ou substanciais (Butler, 2003, p. 209-210).

A situação de pessoas que vivem em desrespeito às normas reguladoras de gênero é uma situação de risco existencial; essas pessoas estão expostas à violência e ao risco de vida<sup>4</sup>. Assim, em resposta aos questionamentos gerados pela obra *Problemas de gênero*, especialmente em relação à materialidade do corpo, o que colocava em questão a noção defendida de uma desmaterialização radical da noção de gênero (Butler, 2003, p. 214), Butler desenvolve em *Corpos que importam*, lançado em 1993, a ideia de que não há, para o ser humano, um corpo natural anterior à ação da cultura (Butler, 2019, p. 20-21). E que essa ação não se faz sem um imperativo regulador:

O que espero que fique claro no que se segue é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2019, p. 21).

<sup>4</sup> No Brasil, a expectativa de vida de uma pessoa transgênero é de cerca de 35 anos (Benevides, 2023, p 103).

A materialidade, portanto, não pode ser tomada como algo que nos vem da natureza como um dado anterior à cultura. A materialidade dos corpos é já marcada pelas estruturas normatizantes. Daí a noção de *corpos que importam*: nem todos os corpos assim materializados são importantes para as instâncias reguladoras; os que não importam são os corpos excluídos, tomados como abjetos (Butler, 2019, p. 39-40).

O corpo abjeto está exposto à violência. Em seu livro mais recente, *A força da não violência*, lançado em 2020, Butler estabelece uma compreensão de amplo alcance para as relações que nos tecem e nos garantem – ou não – a vida. Somos seres interdependentes, o que quer dizer que não nos é possível – a nós, humanos – uma vida autônoma ou desligada da vida dos outros todos com quem vivemos (Butler, 2021, p. 46-48). O que chamamos de individualidade é melhor entendido como um “campo tenso de relacionalidade social” (Butler, 2021, p. 25).

Sermos *interdependentes* significa que dependemos uns dos outros, e aqui a redundância tem a intenção de tornar claro o que pareceria óbvio, mas que não é. Ainda mais explicitamente, isso quer dizer que, para viver, necessitamos do apoio que nos vem de fora, nos vem de um outro. A rede relacional em que vivemos – as estruturas sociais – deveria ser constituída de amplas redes de apoio a favorecer a continuidade da vida de todos os seus membros. Entretanto, não é essa a realidade que vivemos. Quando perdemos o apoio que tínhamos ou quando nunca tivemos o apoio necessário, tornamo-nos *vulneráveis* (Butler, 2021, p. 50).

Assim, a vulnerabilidade, tal como a entende Judith Butler, é produto do movimento de exclusão que faz parte da realidade político-social em que vivemos. O vulnerável foi assim tornado pela estrutura que o envolve e que, ao invés de ser apoio, é instrumento de descarte. Diante disso, temos a tarefa ética de “aceitar a interdependência como condição de igualdade” (Butler, 2021, p. 51). Se nada na realidade humana deve ser tomado como natural, ou seja, fixado como dado imutável, assim também toda a realidade pode ser percebida como passível de transformação.

Se muitos veem Judith Butler como defensora da mutabilidade de gênero, diria que tal mutabilidade se entende muito melhor quando percebemos que a filósofa está interessada na mutabilidade da realidade político-social em que vivemos. Assim, ela chega à proposta de que podemos – devemos? – olhar para o mundo com a força de um *irrealismo*, ou seja, com a capacidade de imaginar um outro mundo e trabalhar por sua construção (Butler, 2021, p. 155). Lemos ao final de *A força da não violência*:

Sempre podemos desmoronar, por isso lutamos para permanecer juntos. Só assim temos a chance de persistir em um denominador comum crítico: quando a não violência se torna o

desejo pelo desejo do outro de viver, uma maneira de dizer: “Você é enlutável, perder você é intolerável, quero que você viva, quero que você queira viver, por isso tome meu desejo como seu desejo, pois o seu desejo já é o meu” (Butler, 2021, p. 155).

Assim, nos veríamos uns ligados aos outros de maneira inerentemente irrevogável. Minha vida depende da vida de todos os outros e vale tanto quanto a de qualquer um. Todas as vidas são enlutáveis, todas têm direito ao luto, nenhuma vida pode ser perdida. Se uma vida se perde, a humanidade perde, cada um de nós perde. O dever de não matar se tornaria, deste modo, absolutizado pelo entendimento de que não há uma vida separada das outras (Butler, 2021, p. 57).

Entretanto, não é este o mundo em que vivemos. E enquanto a desigualdade é imperante, o movimento da vulnerabilização e criação de corpos abjetos se mantém ativo. Assim, refugiados, indígenas, pretos, asiáticos, africanos, latino-americanos, mulheres, gays, lésbicas, transgêneros, população *queer*, e tantos mais grupos quanto as realidades locais produzirem, são diariamente tornados vulneráveis e expostos à violência que põe suas vidas em risco.

Butler defende que devemos criar um “imaginário igualitário”, um campo imaginativo em que possamos enxergar um mundo em que todas as vidas sejam de fato valiosas e que cada um de nós seja apoio para os outros, num grande tecido em que a vida se mantenha com base na interdependência que nos constitui (Butler, 2021, p. 38; 155). Entretanto, buscando compreender as dificuldades – que parecem barreiras – que encontramos para isso, recorre às considerações de Freud sobre o amor, mais precisamente sobre as pulsões de vida e de morte. Postulando que somos regidos por Eros e Tânatos, Freud revela hesitação sobre qual seria a saída para a construção de um mundo em que preponderem as relações de solidariedade e não, as destrutivas (Butler, 2021, p. 128-129). A hesitação diz respeito ao amor: a potência destrutiva que nos habita é inerente ao amor ou é sua opositora? A questão é se o amor seria capaz de combater o impulso à destruição ou se o próprio amor seria portador, por ser ambivalente, dessa força destrutiva. Neste último caso, a única possibilidade que teríamos para o combate à tendência destrutiva seria via imperativos morais (Butler, 2021, p. 135).

A própria Judith Butler propõe como saída a esse impasse a ideia de que precisamos de um modo de vida também ambivalente, que tenha consciência do poder destrutivo que nos habita: “pois só a prática ética que conhece o próprio potencial destrutivo será capaz de resistir a ele” (Butler, 2021, p. 135). Mais à frente retomaremos essa reflexão relacionando-a diretamente ao caso de *A hora da estrela*.

Antes disso, faço uma escolha em meio a essa multiplicidade de vulnerabilidades, para que sirva de exemplo – ou de ponto de partida – para o melhor entendimento da condição vulnerável. Vejamos um pouco mais de perto a ação da *misoginia* em nosso tecido social.

## 2.2 Misoginia

Como vimos, segundo Butler, a falta do apoio necessário à vida, devido à interdependência inerente ao ser que somos, conduz à vulnerabilidade. O modo pelo qual esse *não apoio* aparece toma as mais diferentes faces, tais como “racismo, xenofobia, homofobia e transfobia, misoginia e negligência sistêmica em relação às pessoas empobrecidas e despossuídas” (Butler, 2021, p. 38).

A misoginia, força de desafeto que permeia as relações sociais entre os gêneros em nossa cultura, trabalha diuturnamente e é bastante eficaz na produção de mulheres que gastam grande parte de sua potência vital buscando se fazer de algum modo valiosas. Se a perspectiva igualitária nos diz que todas as vidas são valiosas e dignas de luto (Butler, 2021, p. 37-38), não é assim que as mulheres que vivem em uma cultura permeada pela misoginia se sentem. E se não se sentem valiosas, e de fato não são valiosas dentro dessa cultura, é preciso se fazer valer perante a demanda social. Muitas vezes esse valor só é encontrado na estética, o que faz com que a indústria da beleza siga sempre em crescimento<sup>5</sup>.

A dominação feminina pela imposição de um ideal estético vem sendo objeto de reflexão crítica desde o trabalho pioneiro de Naomi Wolf em *O mito da beleza* (Wolf, 1992). A percepção das forças de dominação geradas pela sociedade patriarcal e machista, em que o ser humano masculino tem lugar central, nem sempre é acompanhada da percepção do afeto – ou melhor, do desafeto – que acompanha essa dominação. Tal desafeto é a misoginia, aversão, ódio, desamor às mulheres por serem mulheres. Considero importante enfatizar essa dimensão do afeto, porque é ela que penetra as subjetividades atingidas e produz mulheres dominadas a partir da interioridade e marcadas por sofrimento. Buscar incessantemente a beleza é um esforço tremendo que objetiva atingir o ideal social imposto e, quem sabe, se sentir valiosa.

Mulheres se desenvolvem como que subjugadas por uma voz a lhes dizer: se você for bela, posso gostar de você. Em solo brasileiro esse ideal conta com o reforço dos famosos versos de Vinícius de Moraes que abrem o poema “Receita de mulher” (Moraes, 1959, p. 21-24): “As

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, reportagem da Revista Valor Econômico que se refere ao mercado de cosméticos no Brasil como uma potência: [Mercado brasileiro de cosméticos está em expansão | Dino | Valor Econômico \(globo.com\)](#). Acesso em 1 abr. 2024.

muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”. Todo o texto do poema pode ser lido como a expressão misógina do olhar masculino em busca da perfeição do corpo feminino. O texto é misógino porque não gosta das mulheres tal como são; faz adoração da mulher idealizada por meio de uma longa sequência de imperativos que ditam como *deve* ser uma mulher para que “desabroche no olhar dos homens”.

O “olhar dos homens” funciona como o olhar da cultura sobre as mulheres. Devemos nos submeter para que nossas vidas sejam valiosas. O pacto do apoio mútuo exigido pela interdependência está quebrado. O apoio necessário à vida se torna condicional. E a condição é atendermos a demandas externas que nos desviam do que seríamos se nos sentíssemos apoiadas para *ser* em liberdade. A misoginia é, assim, o olho que nos observa e controla, a nos lembrar a todo instante que não somos amadas, mas que podemos vir a ser, se nos comportarmos bem. A obediência ao ideal estético é uma das muitas dimensões que configuram o *bom comportamento* feminino.

A pesquisadora Tessa Lacerda, ao investigar as origens da misoginia na cultura ocidental, faz um caminho desde Descartes até o nosso tempo. Ao criar o sujeito do conhecimento, Descartes cria, ao mesmo tempo, o seu outro, o sujeito destituído de conhecimento (Lacerda, 2023, p. 198). Segundo Lacerda, tem aí início o *epistemicídio*, a destituição do estatuto de conhecimento de todo saber que não seja gerado pelo sujeito do conhecimento cartesiano. O saber das mulheres faz parte do grande leque de saberes desconsiderados pela cultura que se tornou hegemônica entre nós. A misoginia é a acompanhante natural dessa desconsideração.

Contando uma história que passa pela chamada “querela das mulheres”, debate que teve lugar no século XVII em torno da produção de filósofas que acabaram tendo seus nomes esquecidos na história da filosofia, Lacerda afirma a historicidade da misoginia: “A misoginia tem uma história e ela é sobretudo a continuação de uma história patriarcal” (Lacerda, 2023, p. 200). História de apagamento e esquecimento que é tributária, juntamente com o movimento colonizador, do nascimento do capitalismo (Lacerda, 2023, p. 206).

Deste modo, a estrutura desigual e geradora das inúmeras formas de descarte de produtos e pessoas, assim como de modos de vida e de pensamento, vem se desenvolvendo há pelo menos quinhentos anos. Quando imaginamos um outro modo de vida, seja aos moldes cristãos do Papa Francisco ou com o aporte da sofisticada reflexão de Judith Butler, sabemos que esse outro modo só será possível com a transformação radical do modo de vida capitalista. Quando Francisco convoca jovens economistas para pensar um outro modelo econômico, a

Economia de Francisco e Clara (Articulação, 2023, p. 6-7), ou quando Butler nos pede a criação de um “imaginário igualitário” (Butler, 2021, p. 38), eles estão nos pedindo para imaginar um mundo alternativo ao capitalismo.

Caminharemos aqui em direção à abertura a um imaginário desse tipo, conduzidos por Clarice Lispector, Rodrigo S. M. e Macabéa. Vejamos agora a contextualização geral de *A hora da estrela* e algo do que já foi apontado por comentadores contemporâneos.

### 3 *A hora da estrela*

*A hora da estrela*, última publicação de Clarice Lispector em vida, se inicia com o impacto desta frase: “Tudo no mundo começou com um sim” (HE, p. 11). Mas antes deste início, lemos os treze títulos pensados para o livro, entre os quais o escolhido *A hora da estrela* (HE, p. 7). Para o que aqui nos concerne, talvez o mais apropriado seja *O direito ao grito*, que nos aponta diretamente para mais um dos direitos roubados dos que nem mesmo têm o direito ao luto, como enfatiza Butler (2021, p. 91).

Após a página com os treze títulos, lemos ainda a “Dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)”, em que o narrador Rodrigo S. M. dedica o que vai contar a uma série de músicos, de Schumann aos dodecafônicos, e os chama de “profetas do presente”, marcando a narrativa, desde o início, com uma tonalidade musical (HE, p. 9-10).

Este início já iniciado reverbera o que diz o primeiro parágrafo completo:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (HE, p. 11).

Tudo começou com um sim, mas na realidade não há início porque antes de cada início há outro início. Mas o ‘sim’ esteve sempre presente a cada início que é seguido de outro início infinitamente. E o ‘sim’ é a marca do amor e do encontro. Quando uma molécula diz sim a outra molécula, a vida começa. Quando um amante diz sim ao amado, algo novo começa. Na “dedicatória”, a primeira menção é a Schumann e sua “doce Clara”, em breve referência ao amor dos dois (HE, p. 9).

Brincando de retomar o início, podemos escolher, além de *O direito ao grito*, o título *Assovio no vento escuro* para aqui nos guiar. A música permeia a história, assim como a dor de dentes que não para (HE, p. 24), figurando nessas duas imagens o desamor e o amor possível. O grito que Macabéa não dá revelaria o desamor que a desampara como uma constante dor de dentes; mas o assovio no vento escuro anuncia o amor de Rodrigo S. M. que acompanha toda a história e nos indica a rota de saída do desamparo.

Entre o grito não dado e o assovio do amor, *A hora da estrela* conta a história de Macabéa, moça nordestina que vive no Rio de Janeiro e é marcada por vários modos de exclusão, como veremos à frente. Como fala a própria Clarice em sua entrevista em vídeo para a TV Cultura em 1977, trata-se da história de “uma inocência pisada” (Lispector, 1977).

Não uma inocência qualquer, mas a da jovem brasileira que traz à luz a realidade de muitas outras como ela. Clarice, muitas vezes acusada de omissão por não se posicionar frente à realidade política brasileira<sup>6</sup>, com *A hora da estrela* explicita sua percepção sobre nossa realidade, percepção que, de modo menos explícito, está presente em toda a sua obra<sup>7</sup>. Em relação ao movimento do amor que pretendo aqui mostrar, vale fazer uma breve referência ao que ela fala sobre a literatura brasileira na conferência que apresentou em vários eventos entre 1963 e 1974 (Lispector, 2020, p. 94-96). Discorrendo sobre o que seria uma *literatura de vanguarda*, Clarice, ao final da conferência, aborda o movimento modernista e a Semana de 22. Leiamos um trecho, logo após se referir ao que seria uma “aparente secura” da poesia de Drummond:

É mais um indício de como há muito passamos da fase exclamatória e do modo apenas deslumbrado de tomar contato com a nossa vida. Mas os excessos de 1922, nesse sentido, foram inclusive absolutamente necessários para quebrar o pudor literário do amor por nós mesmos, amor que hoje é sobretudo visão e exigência (Lispector, 2020, p. 110).

Anos antes da escrita de *A hora da estrela*, Clarice se referia à necessidade de perdermos o pudor do amor por nós mesmos como brasileiros, sejamos artistas, escritores, ou datilógrafas perdidas na cidade grande. O amor por Macabéa por ser lido como amor por nós, tão dificilmente construído.

A pesquisadora e importante biógrafa de Clarice Lispector, Nádya Gotlib, comentando essa conferência, propõe que *A hora da estrela* pode ser entendido como uma obra de vanguarda, de acordo com a própria definição da escritora que destaca a relação com o campo político como característica da literatura de vanguarda (Gotlib, 2017, p. 78). Nessa relação, o texto de *A hora da estrela* surge como um grito de indignação (Gotlib, 2017, p. 81-82), o grito por Macabéa, por todos nós.

<sup>6</sup> Como no famoso episódio em que o humorista Henfil coloca Clarice em seu “cemitério dos mortos vivos”, local simbólico de sepultamento dos que se omitiam frente às violações de direitos no período da ditadura civil-militar pelo qual o Brasil passou entre 1964 e 1985 (Moraes, 2013).

<sup>7</sup> Em minha tese de doutorado em teologia, defendo que toda a obra de Clarice Lispector tem um compromisso com os vulneráveis, podendo ser lida como propulsora do despertar da consciência para a desigualdade que nos constitui como nação (Almeida, 2021). Com o vocabulário de Judith Butler que aqui consideramos, poderia sugerir que a obra clariciana nos ajuda na criação do “imaginário igualitário” sonhado pela filósofa.

O lugar de exclusão de Macabéa tem sido amplamente comentado na fortuna crítica de *A hora da estrela*. Cito aqui três trabalhos que exploram aspectos dessa exclusão: o gênero, a raça, a herança judaica.

Este último ponto merece destaque pela originalidade da ideia. Joanna Moszczyńska, no belo artigo “Clarice Lispector e a latente escritura do desastre”, sugere a leitura de *A hora da estrela* como imagem do holocausto. Imagem latente, não explícita na letra do texto. Mas, além de Clarice ser judia, Macabéa carrega em seu nome os macabeus<sup>8</sup> e foi morta por atropelamento por um estrangeiro de nome alemão, Hans, em um carro de marca alemã que tem uma estrela como emblema (Moszczyńska, 2017, p. 14-15). Não nos cabe aqui desenvolver a reflexão de Moszczyńska, para não nos distanciarmos em demasia do fio proposto, mas fica a referência de sua reflexão que aponta mais uma faceta do desamparo a que Macabéa é exposta.

Lucia Villares, no texto “Racismo e o exercício da branquitude em *A hora da estrela*”, desenvolve uma análise que aponta os elementos de marcação racial na composição de Macabéa. Tal composição passa por uma descrição de sua imagem: feia, amarelada, branca, mas não totalmente, suja; deseja ser artista e *rosa*, como Marylin Monroe, e seu desejo é percebido com deboche por quem escuta (Villares, 2017, p. 86-87).

O deboche é fruto do racismo, que se define precisamente como “a imputação de atributos psicológicos e morais a certas características físicas, como a cor da pele” (Villares, 2017, p. 87). Ao olhar para Macabéa, por sua imagem, infere-se sua incapacidade. A atitude racista não se dá conta de que a inadequação está no olhar que define alguém por sua imagem, por meio de condicionamentos sociais e culturais, e não, na pessoa assim definida (Villares, 2017, p. 88).

Villares segue sua análise na consideração de que as vítimas do racismo tendem a buscar adequação ao que é socialmente esperado, de modo a alcançar, por exemplo, *se passar por branca*. Glória, colega de trabalho de Macabéa, tem sucesso nesse esforço, mas Macabéa não faz esse movimento; de algum modo continua sendo ela mesma, a despeito dos comentários maldosos que escuta (Villares, 2017, p. 88-89). Nesse ponto, a autora faz referência a Judith Butler em *Corpos que importam*: Glória consegue atender à demanda social e aparecer como um *corpo que importa*, ao contrário de Macabéa, que segue como *corpo abjeto* (Villares, 2017, p. 91).

<sup>8</sup> Os *Macabeus* têm sua história contada pelos livros bíblicos 1 e 2 Macabeus. São um povo guerreiro que luta contra a dominação da cultura grega entre os judeus, cerca de 160 anos antes de Cristo.

Glória percebe essa diferença entre as duas e se distancia, chegando a declarar não ter nada a ver com ela, assim se tranquilizando inclusive em relação ao fato de ter ficado com o namorado dela (Villares, 2017, p. 92). Glória se justifica, porque de algum modo é aceita social e culturalmente. Seu corpo é tomado como bom, assim como o de Olímpico, o namorado tomado de Macabéa. Olímpico é também pobre e nordestino, como Macabéa, mas é homem e forte e surge como representante da força do sertanejo; ele também consegue se passar pelo crivo do atendimento a algo demandado culturalmente e é aceito (Villares, 2017, p. 94-95).

Nesta relação entre Macabéa, Olímpico e Glória há claramente uma marcação dada pela cultura machista e misógina. Como veremos, Glória também é avaliada como objeto, é vista por Olímpico como “material de boa qualidade” (HE, p. 59) e Olímpico se engrandece por sua posição de “macho de briga” (HE, p. 57). Lucia Villares, entretanto, ao enfatizar a questão racial, aponta para o fato de que Macabéa não exerce a *branquitude* e essa parece ser sua maior dificuldade de inserção e não, suas origens étnicas (Villares, 2017, p. 96). Ou seja, o corpo que se mantém alheio à demanda a ele imposta é o que será mais rejeitado. O olhar social que cobra é o olhar que não apoia, a assim colabora com o vazio do desamparo e com a exposição ao risco e à violência.

Poderíamos discutir a qualidade do apoio que recebem aqueles que se esforçam em *passar por* e assim conseguem ser aceitos. Apoio condicionado e gerador de sofrimento, como no caso da demanda estética feminina, como vimos acima. Por ora, fica marcado, com a reflexão de Lucia Villares, que Macabéa se expõe transparentemente ao outro que a rejeita. E aqui vale lembrar a própria Clarice: Macabéa a imagem de “uma inocência pisada”.

Por fim, comentaremos o texto “Representação feminina em ‘A hora da estrela’: a mulher subalterna enquanto um significante vazio”, de Mariana Gomes Cartaxo. A autora parte do entrecruzamento entre o ser mulher e o ser subalterna, localizando aí a junção de duas exclusões, com o aporte de Anibal Quijano, o que localiza sua reflexão no contexto do pensamento decolonial (Cartaxo, 2016, p. 187). Com essa conceitualização, Cartaxo questiona se Macabéa pode ser apreendida como *mulher subalterna*; aponta o fato de a personagem ser descrita por um “homem dominante”, o personagem narrador Rodrigo S. M.; tal construção explicita o fato de que a mulher subalterna está submetida à obscuridade no contexto sociocultural, sendo a ela impossível falar de si, o que exige que outros contem sua história por ela (Cartaxo, 2016, p. 188).

Segundo Cartaxo, a perspectiva pós-colonial rejeita que se pretenda falar pelo outro e propõe que seja dada a chance de que cada um fale de si e a seu modo próprio; neste sentido, a

construção de *A hora da estrela* revela o contexto de colonialidade em que a moça subalternizada será dita por um outro. O lugar de Macabéa é assim entendido como o lugar vazio, sem sentido ou significado (Cartaxo, 2016, p. 189-190).

Para Macabéa, portanto, por ocupar o lugar vazio e sem significado, só resta a morte, a saída de cena. Sua figura representa o nada absoluto nas sociedades contemporâneas capitalistas. Neste sentido, a autora critica a tonalidade estereotipada da construção de Macabéa, que apresenta uma figuração essencialista da mulher subalterna a quem nem o feminismo consegue salvar; seria preciso uma construção aberta à heterogeneidade das experiências femininas para escapar à estereotipia (Cartaxo, 2016, p. 191).

Cartaxo, portanto, vê na própria construção de *A hora da estrela* o problema maior de Macabéa, como se Clarice Lispector tivesse fracassado na tentativa de retratar a moça nordestina ao estereotipá-la e assim fixá-la em uma imagem inalterável. Entretanto, me parece que essa visão também pode ser vista como rígida pois, ao fixar o narrador no papel de “homem dominante”, deixa de perceber as nuances de sua relação com sua criatura, Macabéa. E é exatamente no fio instável dessa relação que pretendo seguir, tendo claro o contexto filosófico de fundo em torno do problema da violência e da preservação da vida tal como proposto por Judith Butler e das considerações já feitas pela crítica sobre o lugar desprivilegiado de Macabéa em *A hora da estrela*, além do apontamento teológico oferecido pelas propostas atuais do Papa Francisco.

66

#### **4 Retrato de Macabéa: o desamor que a constitui**

Vejamos o retrato de Macabéa que podemos extrair do texto de *A hora da estrela*. Logo percebemos que esse retrato vem carregado pela ausência de afeto nas falas e ações dirigidas a ela. Bem ao início, lemos que ela não faz falta a ninguém e que “mal tem corpo para vender, ninguém a quer”, o que já define seu fracasso caso quisesse viver da venda do corpo; e que, como ela, muitas outras existem por aí, que tanto poderiam existir, como não existir (HE, p. 13-14). O narrador, que está se esquentando para contar a história, se diz também substituível, pois, como ele, outro poderia contar a história, desde que fosse homem, pois mulher poderia “lacrimejar piegas” (HE, p. 14). Rodrigo S. M. pretende mostrar cruamente a história de Macabéa, mas, como veremos, ele falha em se manter distante e é exatamente por isso, por talvez “lacrimejar piegas”, que podemos apontar uma saída transformadora para a realidade das muitas moças como Macabéa. Já de saída percebemos que a história a ser contada se anuncia como a afirmação da existência de Macabéa. Depois de contada a sua história, Macabéa não é

mais aquela que poderia ou não ter existido – sua permanência no cenário literário brasileiro nos obriga a olhar para ela e para as tantas outras que são como ela.

Mas sigamos com o retrato. Em sua passagem pelas ruas, ninguém retribui quando às vezes sorri para os outros, pois ninguém olha para ela, “trata-se de matéria opaca, desprezível por todos” (HE, p. 15-16). Macabéa segue inexistente ao olhar dos outros e Rodrigo toma para si a tarefa de torná-la visível, o que é trabalho de elaboração difícil, como se devesse “com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama” (HE, p. 16). Com isso, ele quer que vejamos Macabéa por meio da leitura, de modo que ela não permaneça invisível. Essa é a tarefa que ele hesita em começar, por medo de fracassar.

Mais à frente lemos que ela tem ombros curvos de cerzideira, ao que o narrador acrescenta que ela sabia cerzir e reflete que poderia ter se dedicado a isso, seria mais feliz como cerzideira do que como datilógrafa (HE, p. 26). Rodrigo, ao descrevê-la, faz o movimento constante de pensar sobre ela; nesta cena, vemos seu esforço de imaginá-la feliz.

Vejamos a história pregressa de Macabéa, a descrição de seus antecedentes. Perdeu os pais cedo, foi criada pela tia que não a amava, de modo que Macabéa nunca soube o que é ser amada e parecia não merecer nem “o amor de um cão”, ela que brotou já como um “cogumelo mofado” (HE, p. 28-29; 32-33). O desamor acompanha Macabéa desde o íntimo de sua infância e de sua família, o que talvez explique que ela, que era doída por soldado, “quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?” (HE, p. 35). O máximo do prazer, ser olhada por um soldado, só poderia culminar na morte, de modo a manter sua inexistência.

O retrato de Macabéa se torna mais definido quando a vemos se relacionar com Glória e Olímpico. Glória é sua colega de trabalho no escritório em que é datilógrafa e Olímpico é “a primeira espécie de namorado” que teve na vida (HE, p. 43).

Olímpico de Jesus, nordestino como ela, a abordou um dia na rua, rompendo com a invisibilidade em que vivia, e passaram a se ver regularmente. O “namoro” não passava de passeios e conversas truncadas em que Olímpico reiteradamente a tratava mal, ao que ela nunca retrucava, pois desde o primeiro dia ele passara a ser a “sua goiabada-com-queijo” (HE, p. 43), lembrando que goiabada com queijo tinha sido “a única paixão de sua vida” na infância e que o castigo preferido da tia era lhe deixar sem a amada sobremesa (HE, p. 28). Macabéa aguentava ser tratada de qualquer jeito por Olímpico, porque não queria ser de novo castigada com o antigo castigo da infância.

A brutalidade de Olímpico com Macabéa é flagrante no episódio em que ela lhe pede para telefonar para ela, já que ninguém nunca fazia isso e ela queria ter o gosto de receber um telefonema no trabalho, ao que ele responde: “telefonar para ouvir as tuas bobagens?” (HE, p. 47). Ou quando ele pede a ela que mude de expressão, pois não gosta de cara triste (HE, p. 52). Ou quando a levanta com um braço para mostrar sua força, mas não aguenta e a deixa cair; com a cara suja de lama, Macabéa diz a ele para não olhar enquanto levanta a saia para se limpar, e ele responde que “magricela esquisita ninguém olha” (HE, p. 53). Ou ainda na já citada cena em que ela diz que queria ser artista como Marilyn e ele diz que ela “tem cor de suja. Nem tem rosto nem tem corpo para ser artista de cinema” (HE, p. 53). Muitos outros trechos poderiam ser aqui citados, mas já temos o bastante para compreender que Olímpico age com Macabéa de modo a sempre rebaixá-la, apontando defeitos e desqualificando-a. Ela o tem como namorado, mas dele ela só recebe desamor.

Em um diálogo longo entre os dois, vemos a irritação de Olímpico com o que considera a falta de capacidade de Macabéa de entendê-lo. Nesse estado de tensão, ela acaba por revelar como se sente:

Ele: - Pois é.  
Ela: - Pois é o quê?  
Ele: - Eu só disse pois é!  
Ela: - Mas “Pois é” o quê?  
Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.  
Ela: - Entender o quê?  
Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!  
Ela: - Falar então de quê?  
Ele: - Por exemplo, de você.  
Ela: - Eu?!  
Ele: - Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.  
Ela: - Desculpe mas não acho que sou muito gente.  
Ele: - Mas todo mundo é gente, Meu Deus!  
Ela: - É que não me habituei (HE, p. 47-48).

Ser *gente* é um dado óbvio para Olímpico, o que não acontece com Macabéa. Para ela há algo de diferente em ser gente, algo que ela pressente não alcançar, algo a que ainda não se habituou. Percebemos nessa passagem que Macabéa alcança uma profundidade que podemos chamar de *filosófica*, se assim entendemos a problematização de algo que poderia passar por óbvio, ainda mais sendo esse *algo* a compreensão do que é ser um ser humano. Macabéa, com seus poucos recursos, percebe uma complexidade na realidade e na própria existência que Olímpico não alcança e com a qual se irrita.

Irritação que podemos perceber também quando ela faz a ele perguntas sobre suas curiosidades despertadas pela Rádio Relógio, que adora escutar. Vejamos um pequeno diálogo deste tipo:

- Você sabia que na Rádio relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em “élgebra”. O que é que quer dizer “élgebra”?
  - Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.
  - Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?
- Silêncio.
- Eu sei mas não quero dizer (HE, p. 50).

Macabéa irrita Olímpico ao fazer perguntas que ele não sabe responder, porque assim é obrigado a se fragilizar. Olímpico se vê como o macho forte e vitorioso e vê Macabéa como nada, alguém que não tem nada a oferecer a ele. As coisas que ela pergunta são coisas de “fresco”, cultura é coisa de fresco. Ela mostra apreço pelo que não sabe, pelas perguntas que as informações da rádio despertam nela, ele se fecha, não tolera o não saber e responde com irritação e raiva. Ela segue perguntando e contando as coisas que ouviu na rádio e as outras que lhe ocorrem. Certo dia diz a ele, num momento de lirismo, que terá saudade de si mesma quando morrer, e ele debocha, pondo o que ouviu na conta das besteiras dela (HE, p. 53).

Durante um passeio no zoológico, ela fala de novo em coisas de cultura e ele diz que isso não é coisa de “moça direita” e que “no Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais”. O que era coisa de fresco agora não é coisa de moça direita. Ela não sabe o que é o “Mangue” e pergunta se é um bairro, ele explica que é um “lugar ruim, só para homem ir”, e que “ainda se encontra mulher barata”; considera também que ela, Macabéa, custa pouco para ele. Ela, sem entender nada, acha certo ele não gastar muito com ela, afinal, ela tinha feito xixi na calça por medo do rinoceronte – o que conseguiu esconder dele – ou seja, ela merece ser maltratada porque nem consegue se controlar (HE, p. 55).

Nesta cena emblemática podemos perceber o desacordo total entre os dois namorados e o desacerto entre Macabéa e ela mesma. Seu pensamento parece sempre tentar se destacar da realidade imediata, o que a leva às perguntas que irritam Olímpico. Ele mal a vê, a ponto de não perceber que ela estava molhada de xixi. Ela se pune por não se controlar e acha normal ser tratada do modo como ele a trata. O rinoceronte a assustou por seu excesso de corpo. Macabéa mal dá conta de si mesma e não entende a realidade em torno de si; tem excesso de perguntas e de sensações. Olímpico presume entender tudo, não teme os animais, não se interessa pela “cultura”, sabe bem o que quer.

Com essa chave, podemos compreender a inusitada cena do açougue. Entram no açougue, Macabéa gosta do cheiro da carne e imagina o gosto que tem, Olímpico se sente muito excitado ao ver a faca na carne; sonha em ser açougueiro e o narrador informa que o pai de Glória é açougueiro (HE, p. 53). Essa informação desperta o leitor para o que virá a acontecer

entre Olímpico e Glória. Olímpico, que sabe o que quer, ficará frente a frente com o destino desejado quando conhecer Glória, ironicamente por intermédio de Macabéa.

Olímpico também tem seus antecedentes, sua história pregressa. Já matou e rouba, e sabe ocultar isso. Sente-se com a “alma lavada” por conseguir enganar a sociedade que também rouba dele. Sente-se digno de viver e sonha com o futuro. Mas não entende bem o mundo em que vive: besunta o cabelo com óleo, sem saber que as mulheres do Rio de Janeiro têm nojo de cabelo oleoso (HE, p. 57-58). Olímpico se vê como um guerreiro a enfrentar o mundo e confia em si mesmo para isso. Macabéa, ao contrário, sente-se protegida no mundo e acredita em nós:

Mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo. Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la (HE, p. 58).

Macabéa, marcada por exclusões, abandono e desamor, acredita na humanidade e tem tendência para ser feliz. Podemos ler sua condição como alienada, o que se confirma no momento em que a cartomante lhe diz que sua vida é horrível e ela se surpreende por não saber disso, como veremos à frente (HE, p. 76). Mas podemos também ver aí a inocência anunciada por Clarice em sua entrevista. Macabéa confia e confiar é a atitude humana mais íntima. Sua vulnerabilidade extrema vem do fato de que ela não tem os apoios que pensa ter (Butler, 2021, p. 50). E Olímpico não é o companheiro que ela acredita ter, ele que se tornara “sua única conexão atual com o mundo” (HE, p. 58).

Olímpico não tem prazer algum em namorar Macabéa. Quando viu Glória, percebeu logo a diferença. Era feia também, mas “material de boa qualidade”. Carioca, quadris de boa parideira, tinha família, comida farta, e o melhor, o pai trabalhava num açougue (HE, p. 59-60). A descrição de Glória é também marcada pela construção machista e misógina em que vivemos, como já tínhamos apontado ao comentar o trabalho de Lucia Villares. Glória é objetificada em sua condição de mulher, mas ela passa pelo crivo da demanda sociocultural a ela imposta.

É assim então que Olímpico, sem hesitação, termina o namoro com Macabéa e, para se explicar, ainda diz que ela é “um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (HE, p. 60). O desamor atinge nessa passagem seu ponto máximo. Olímpico nunca gostara dela. Ser um *cabelo na sopa que não desperta vontade de comer* não é algo que pode ser entendido na esfera particular das relações entre dois namorados. Despertar a vontade de comer em um homem é o que se espera socialmente de uma mulher numa cultura misógina, ou seja, uma cultura que não gosta de mulheres. Glória despertou em Olímpico essa vontade, por sua aparência e por sua condição familiar, e isso não quer dizer que ele goste dela. De forma caricatural, que é também

uma das marcas de *A hora da estrela*, podemos dizer que, numa cultura misógina, *os homens não gostam das mulheres, apenas querem desejar comê-las – e comê-las –, e elas têm o dever de despertar esse desejo neles e de se submeter a ele*<sup>9</sup>.

Essa é uma realidade que fere. Em Macabéa essa ferida se manifesta pela infelicidade de ter excesso de desejo; Macabéa tem excesso de vida, como o rinoceronte tem excesso de corpo; quando se sente excitada demais, reza para se acalmar (HE, p. 60-61). Acalmando o desejo, pode se controlar, para que não aconteça com o desejo o que aconteceu com o xixi no Jardim Zoológico. Mas acalmar o desejo é também matá-lo, e o narrador descreve o desejo de Macabéa como o de um sexo que exigia e que era “como um nascido girassol num túmulo” (HE, p. 70). O desejo de Macabéa não encontra caminhos para se realizar. Ninguém diz para ela: *eu desejo seu desejo pela vida*, como Butler espera de nós para a construção de vínculos de solidariedade que garantam para todos a proteção da vida (Butler, 2021, p. 155).

Por outro lado, Olímpico, como representante do homem que domina, é também apenas uma pessoa lutando para sobreviver. O apoio que tem vem da estrutura social que, ainda que precariamente, dá o suporte necessário para que o macho sobreviva, mesmo que seja como ele, um “frágil machinho” que precisa se afirmar e que tem sucesso nisso. Olímpico soube dominar Glória que passou a obedecê-lo, mas para isso trava uma luta interna de afirmação de si, pois afinal ele também é um “coração solitário pulsando com dificuldade no espaço. O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdôo” (HE, p. 65-66). Rodrigo S. M. perdoa Olímpico porque vê nele a fragilidade do vulnerável. Apesar da frágil segurança que sente por sua condição masculina na estrutura patriarcal, a ele também ninguém declara o desejo por seu desejo de viver.

Este trecho é belíssimo em pelo menos dois sentidos. O primeiro por sua ligação explícita ao campo simbólico da cultura brasileira, por meio da paráfrase à afirmação de Euclides da Cunha em *Os sertões* de que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. O segundo por explicitar o fato de que os homens não são culpados pela estrutura patriarcal e misógina. Essa estrutura é opressora para todos e aqui vale lembrar Paulo Freire: a quebra da estrutura opressora é libertadora para oprimidos e opressores (Freire, 2019).

<sup>9</sup> Impossível aqui não lembrar o lamentável episódio em que o ex-presidente do Brasil, que deixou o cargo em 2022, declarou para uma deputada federal que ela não merecia ser estuprada porque era feia (ver em [www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html); acesso em 1 abr. 2024). Nessa declaração se entende muito do que é velado na cultura misógina patriarcal: estuprar é um direito do homem, pois se a mulher despertou nele o desejo, deve se submeter a este desejo; se uma mulher não desperta o desejo masculino, ela não merece ser estuprada, ou seja, o estupro é um prêmio, um ganho que a mulher teria por ter despertado o desejo do homem; ser feia é um defeito que faz com que a mulher perca esse prêmio.

Resta ainda uma palavra sobre Glória. As conexões de Macabéa com o mundo tinham sido a tia, o patrão Raimundo, Olímpico, Glória e, mais de longe, as moças com quem dividia o quarto de pensão. Depois do fim do namoro, só sobrara Glória que, assim como Olímpico, a desqualifica debochando de seu desejo de parecer artista de cinema ou sugerindo que ela não tem cara (HE, p. 64-65). Glória se parecia com Olímpico porque, como ele, se dava muito valor; se sentia bem em ser quem era, “era muito satisfatona: tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava” (HE, p. 65). Mas, diferentemente de Olímpico, se compadecia ligeiramente de Macabéa e, ainda que não se deixasse pegar por nenhum sentimento de culpa, esse compadecimento vai a levar a tentar compensar Macabéa convidando-a para um lanche, indicando o médico, emprestando dinheiro para a cartomante (HE, p. 65-66; 71).

Mas a abertura de Glória a Macabéa não passa desse leve compadecimento. Não se sente ligada a ela e não está interessada em entendê-la. Leiamos dois trechos de diálogos entre elas. O primeiro deles é logo depois de Macabéa ter se pintado exageradamente, no banheiro do escritório, com o batom vermelho que deu de presente a si mesma no dia seguinte ao fim do namoro com Olímpico:

- Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado.
- Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro.
- Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?
- Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.
- Eu não sou feia!!!, gritou Glória.
- (...)
- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.
- É para eu não me doer.
- Como é que é? Hein? Você se dói?
- Eu me dão o tempo todo.
- Aonde?
- Dentro, não sei explicar (HE, p. 62).

Os dois trechos, apesar de estarem na mesma página, não acontecem no mesmo dia. Mas, de todo modo, o segundo diálogo reverbera o primeiro. Ser feia dói porque a nossa cultura nos exige a beleza. Glória não se vê como feia, sente-se dentro do crivo do esperado, já que, mesmo feia, é “material de boa qualidade”, como já vimos. Nela a feiura não dói, porque de algum modo conseguiu se proteger. Em Macabéa dói um pouquinho, ainda que ela não tenha pensado nisso antes. Entretanto, a dor relatada no segundo diálogo pode ser lida como a reverberação no interior de Macabéa da dor de ser feia. Ser feia dói porque põe a descoberto que só somos amadas condicionalmente.

Para completar o quadro de desamparo e falta de apoio em que vive Macabéa, é preciso fazer referência, ainda que breve, à consulta médica que ela fez depois de passar mal por ter comido muito doce no lanche na casa de Glória (HE, p. 66). Toda a cena da consulta mereceria uma análise à parte, dada o alcance da desconsideração com que Macabéa é tratada pelo médico. Mas nosso retrato de Macabéa já está bastante extenso e já alcançou o necessário para a argumentação deste texto. Fica o registro de que, uma vez mais, Macabéa não recebe o apoio de que necessita e que crê receber (HE, p. 66-68).

Por fim, uma palavra sobre a força de vida que Macabéa por si mesma consegue manter, ainda que nenhuma das sete bilhões de pessoas do mundo a ajude. Num domingo, passeando pelo cais do porto – seu passeio de quase todos os domingos – viu um arco-íris e se sentou muito feliz; tão feliz que queria mais, queria ver fogos de artifício, como tinha visto um dia em Maceió. Sua fome de vida é grande e o narrador ironiza dizendo, como quem recita um jargão, que “quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo” (HE, p. 35). Na vida comum, se dava alguns luxos: ia no cinema uma vez por mês e pintava sempre as unhas com esmalte vermelho; o esmalte estragava logo, porque roía as unhas, mas não deixava de pintar (HE, p. 36).

Quando acordava de manhã, não sabia quem era. Depois de alguns instantes se lembrava de que era “datilógrafa e virgem” e de que gostava de coca-cola, e assim “vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (HE, p. 36). O que conseguia afirmar sobre ela mesma tem a inconstância do dia, não é mais do que sua localização no mundo já pronto em torno de si.

Mas o narrador nos fala também da dimensão do ser de Macabéa que não se deixa capturar. Leiamos um trecho em que aparece uma intrigante oposição entre Macabéa e a coca-cola:

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar – pois já não aguento a pressão dos fatos – o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. (...) Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim (HE, p. 23).

Macabéa se atualiza, porque gosta de coca-cola e coca-cola é hoje. Ela vive no presente da história, mas sem alcançar nada além de simplesmente inspirar e expirar. O viver ralo de Macabéa não se deixa fixar nas atualidades em que obedece e representa o papel de ser. Por

isso, a cada manhã ela precisa lembrar quem é. Mas se não lembrasse, seguiria inspirando e expirando, na vida que nada pede além disso.

Mas no *hoje* da realidade, há a coca-cola e o escritório e Glória e Olímpico, e Macabéa inspira e expira em meio a essa atualidade. Na realidade objetiva, o mundo normatizado a define e a vulnerabiliza na medida em que não oferece a ela os apoios necessários à vida (Butler, 2021, p. 48-50). Cercada de desamor, Macabéa segue obediente. Mais do que isso, ela também aprende o desamor por si mesma, apesar da força da vida que habita nela.

Ainda no princípio do relato de Rodrigo S. M., lemos que Macabéa não se olha, sente vergonha e ele não sabe se por pudor ou por ser feia. A feiura é ainda reforçada e relacionada à pobreza e à promiscuidade pela afirmação de que “a pobreza é feia e promíscua” (HE, p. 22). Lemos ainda que ela tem a aparência assexuada e o “corpo cariado”. Um corpo ferido, esburacado, e Rodrigo tem consciência da brutalidade que é afirmá-lo (HE, p. 34-35). Ainda mais porque não confere com a realidade vivida por ela; o corpo aparentemente assexuado é na realidade portador de excesso de desejo, como vimos acima.

Macabéa não consegue se defender diante do descaso para com ela, é incompetente para a vida. Como exemplo, o narrador cita o dia em que o chefe avisou que em breve ela seria demitida e ela não conseguiu responder nada, apenas se submeteu e pediu desculpas. Depois disso, foi atordoada ao banheiro do escritório e se olhou no espelho e a imagem que viu era deformada. Se viu “enferrujada” e não creditou isso a possíveis distorções do espelho ruim (HE, p. 24-25).

Vê também no espelho os olhos de quem pergunta; apesar desses olhos, não perguntava nada, nem pensava em Deus, como se adivinhasse a falta de respostas que qualquer pergunta teria (HE, p. 26), como vimos acontecer nos diálogos com Olímpico. Macabéa só queria viver, mesmo sem saber para quê. Não se indagava, não sabia que era infeliz, se sentia obrigada a ser feliz (HE, p. 27).

Macabéa, a nordestina largada na “cidade toda feita contra ela”, a moça que só quer viver e que obedece até à obrigação de ser feliz, parece estar absolutamente sozinha no mundo que não a acolhe. Mas esse não é o seu retrato completo, pois Rodrigo S. M., personagem narrador da história, é seu criador e, como criador, a ama.

## **5 Rodrigo S. M. ama e nos chama a amar**

O início de *A hora da estrela*, logo após o parágrafo de abertura que nos lança na pergunta sobre os inícios de tudo o que existe, traz a reflexão do narrador sobre o processo de

escrita e de criação da personagem e de sua história, o que já se apresenta logo na primeira página com a afirmação de que “pensar é um ato. Sentir é um fato” (HE, p. 11). Podemos inferir daqui o movimento lógico do que venho desenvolvendo neste texto. Parto da hipótese de que Rodrigo S. M. tem um objetivo ao contar a história de Macabéa: despertar um sentimento no leitor, o amor por Macabéa. Entretanto, essa pretensão enfrenta imensas dificuldades. Se *pensar é um ato*, entendemos que ele, Rodrigo, pensa e escreve, essa é sua atitude, seu ato, sua postura ativa. Mas, de outra parte, se *sentir é um fato*, algo que se dá, que nos acontece, trata-se do que é, em certa medida, não controlável. Rodrigo se esforça para agir da maneira mais eficaz possível para atingir seu objetivo de gerar um sentimento no leitor, o que, no entanto, não está em seu controle. Com essa hipótese poderíamos entender por que ele demora tanto a entrar no relato da história. Sabe que o que pretende é difícil e não está inteiramente em suas mãos. Hesita, teme, como se segurasse nas mãos algo extremamente frágil que pode ser quebrado a qualquer descuido. Proponho que essa coisa frágil é o amor que sente e com o qual quer nos contaminar.

A dificuldade é ainda maior porque, ao falar de sua personagem, fala também de si, como se estivesse amalgamado a ela (HE, p. 21-22;24). O que ele sente por ela e também por sua própria vida ou à vida em si mesma se misturam no que tem a contar: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (HE, p. 33).

Horror e amor à vida estão também entrelaçados na posição a partir da qual Rodrigo cria a sua personagem e conta a sua história. Em linguagem teológica, poderíamos dizer que há denúncia e anúncio em *A hora da estrela*. Denúncia do estado de extrema vulnerabilidade vivido por Macabéa; anúncio do amor que pode transformar essa realidade.

No trecho acima se insinua também outra dimensão teológica: se Macabéa tivesse consciência dele, Rodrigo S. M., seu criador, teria a quem rezar e isso seria sua salvação. Rodrigo, nesta passagem, se coloca no lugar do Criador absoluto, Deus. Sua criatura, sabendo de sua existência, se salvaria pela oração. Em chave cristã, o momento da oração é quando o orante se sente amado<sup>10</sup>. Por este desvio, poderíamos imaginar que a salvação de Macabéa seria sentir o amor de seu criador por ela. Mas ela não tem consciência dele, o que faz com que reste a ele a tentativa de fazer com que todos nós a amemos. Se os sete bilhões de pessoas com quem

<sup>10</sup> Agradeço essa intuição ao Professor Francys Silvestrini Adão, em sua publicação diária de comentário à liturgia do dia (Adão, 2023).

ela compartilha o mundo a amassem, ela não seria vulnerável, contaria com todo o apoio necessário à vida.

Nas primeiras páginas do livro, Rodrigo S. M. afirma: “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós” (HE, p. 13). O narrador se pretende frio, se esforça para isso, para não “lacrimejar piegas”, como faria uma mulher, mas deixa claro que nós, leitoras e leitores, não temos direito à frieza. De nós, Rodrigo espera mais do que frieza.

Mas, apesar de se pretender frio, sabe que vai se sensibilizar e que “cada dia é um dia roubado da morte”; escreve com o corpo e não como um intelectual, e tentará “tirar ouro do carvão” (HE, p. 16). Como uma espécie de alquimista, Rodrigo pretende transformar em coisa valiosa o que parecia ser apenas resto de uma queima. Lembremos de que lemos com Butler: toda vida é valiosa e digna de luto, mas não é assim que temos vivido (Butler, 2021, p. 37-38). Cada vida vulnerabilizada pede de nós a ação transformadora que a torne novamente valiosa. E que assim se roube da morte a vida a ela exposta.

Mais à frente, o narrador explicita o que vai fazer e o que espera de nós, não deixando dúvidas para o compromisso que espera de nós para emprendermos essa vitória contra a morte:

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só de mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza (HE, p. 19).

A personagem está tão viva quanto ele porque, apesar de ser por ele criada, está também nas ruas por onde andamos. Rodrigo S. M. cria Macabéa, mas Macabéa já existe entre nós; ele, ao criar a sua Macabéa, nos mostra as Macabéas todas. Outras tantas como ela, e cabe a nós reconhecê-las e *cuidar* delas. Cuidar é dar a elas o apoio necessário para que vivam, retirá-las da vulnerabilidade, trazê-las para a rede de cuidados que nos constitui como seres interdependentes.

Mais à frente, essa ideia se reforça: “Ela era leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé” (HE, p. 26). Macabéa acredita em nós. Rodrigo afirma que o simples fato de acreditar já lhe garante algo, o estado de graça que vem pela fé<sup>11</sup>. Mas não podemos deixar passar despercebido que ele diz que ela acredita em nós. Como complemento à passagem que

<sup>11</sup> O “estado de graça” é narrado por Clarice Lispector também em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em *Água viva* e em forma de crônica. Não cabe aqui detalhar essas referências, mas fica a pontuação de que se trata de temática relevante no contexto maior da obra clariciana.

mostramos acima, fica claro o comprometimento que ele espera de nós. Nos quer embebidos de Macabéa como “um pano de chão todo encharcado” (HE, p. 39). Encharcados de Macabéa, como ele está, não seríamos mais capazes de abandoná-la.

Para empreender sua tarefa, Rodrigo trata de igualar-se a ela. Deixa a barba por fazer, cria olheiras, veste-se com roupa maltrapilha. Faz, pela palavra, a travessia que culminará em sua “transformação em outrem” (HE, p. 19-20)<sup>12</sup>. Transfigurado em Macabéa, Rodrigo S. M. a expõe a nós. Essa exposição exige dele que diga a realidade, mas a realidade o ultrapassa. Não pode simplesmente inventar o destino que está em suas mãos; tem que adivinhá-lo como a uma realidade, uma verdade que também o ultrapassa. Mas, ao mesmo tempo, Macabéa está grudada nele “qual melado pegajoso ou lama negra” (HE, p. 17; 21). Ela é, para seu criador/narrador, ao mesmo tempo o estranho e o mesmo, o que o ultrapassa e que está colado nele. Rodrigo, para mostrá-la, faz o duplo movimento de entrar e sair de si. Ela é outra que não ele, como a própria realidade que o ultrapassa; mas é também ele mesmo, e ele mesmo também se ultrapassa. Buscar a si mesmo e buscar Macabéa é a ato duplo que marca a travessia de Rodrigo S. M.

É também por dever que precisa nos mostrá-la, porque a vida que corre nela é a mesma que corre em tudo o que existe, mas tem passado despercebida e precisa ser revelada, “porque há o direito ao grito”, e então ele grita por ela (HE, p. 13). O grito pretende tornar visível o que foi invisibilizado e espera de nós o acolhimento ao que é revelado.

O grito de Rodrigo, entretanto, vem simples, sem embelezamentos. Não pretende embelezar a história, pois não pretende transformar o pão em ouro, que então já não poderia ser comido; pretende “falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (HE, p. 15). A história a ser contada deve nos nutrir, assim como o pão deve nutrir Macabéa.

Vemos nessa imagem a retomada da transformação de algo em ouro; antes, o carvão, agora, o pão. No primeiro caso, tratava-se de transformar em valioso algo sem valor; no segundo, de transformar em não comível o que era para ser alimento. O movimento da metáfora

<sup>12</sup> Aqui não podemos deixar de fazer referência à crônica “Mineirinho”, texto de grande densidade em que Clarice Lispector reflete sobre o caso real de um bandido assassinado pela polícia com treze tiros, nos anos 1960 no Rio de Janeiro. Leiamos o trecho em que ela faz o relato da repercussão em si mesma dos treze tiros, que culmina com sua transformação no outro: “Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro” (Lispector, 1992, p. 184-185). Ver minha análise desta crônica em Almeida, 2021, p. 75-82, ou em Almeida, 2022.

do ouro nos ajuda a perceber o limite da palavra, mas também do próprio ouro. O valor monetário não serve para ser sempre tomado como valor; para o que precisa ser pão, o valor do ouro nada significa<sup>13</sup>. O que Rodrigo S. M. nos apresenta deve ser recebido como ouro puro pelo poder de nos fazer ver o seu valor; mas de forma alguma como o ouro que suplanta o alimento em seu pretenso valor absoluto. Vimos com Tessa Lacerda a afirmação do início do capitalismo como gerador das inúmeras formas de desamor e exploração com as quais convivemos, entre elas a misoginia. Rodrigo explicita para nós os limites deste sistema que absolutiza o acúmulo de riqueza monetária como valor.

Vejam agora, depois de termos percebido todo o contexto que o narrador oferece para a história a ser contada, o momento em que ele pela primeira vez explicita seu amor por sua personagem: “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela” (HE, p. 27). Mais à frente, revela-se comprometido com ela e repete, “só eu a amo” (HE, p. 29-30). Depois de termos visto o retrato de Macabéa em que ela aparece cercada de desamor e abandono, agora sabemos que seu criador a ama e sabe que *só ele* a ama.

Como a nos mostrar esse amor, Rodrigo a descreve com ternura: gosta da Rádio Relógio e das coisas que aprende com ela, até dos anúncios; tem vida interior, ainda que vazia; se perde nos próprios sonhos e meditações e por isso se distrai tanto no trabalho; tem prazeres e imagina outros, como quando pensou que se tivesse o creme de que ouviu falar num anúncio, o comeria, passar no corpo seria um desperdício. Há nela “certa flor fresca” e “um sopro de vida”; ela existe, ela acredita; a vida dela contém em si, como todas as vidas, um “segredo inviolável”, e Rodrigo teme violá-lo (HE, p. 37-39).

Mas em meio à descrição, ele comenta, entre parêntesis: “(Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos)” (HE, p. 38). A ambivalência de Rodrigo parece reveladora daquela mostrada por Judith Butler ao discutir a construção de Freud sobre a pulsão de morte (Butler, 2021, p. 128-129). Rodrigo S. M. a ama, mas ela o incomoda e desperta nele culpa por nem sempre querer ser ela. Rodrigo se sente num fio de navalha em que pode, a qualquer momento, se desviar do caminho por medo de se cortar. Na hipótese levantada acima de que a coisa frágil a ser carregada por ele é o amor, podemos aqui acrescentar que é frágil porque pode

<sup>13</sup> Podemos aqui refletir sobre os constantes conflitos a que assistimos no Brasil entre indígenas e garimpeiros. A procura por ouro ou pedras preciosas não tem absolutamente nenhum valor aos olhos dos povos indígenas; ao contrário, é vista como destruidora de seu ambiente vital, levando a cenários terríveis como o da população yanomami nos últimos anos (ver em [Boletim Yanomami — 13 de março de 2023 — Secretaria de Comunicação Social \(www.gov.br\)](#); acesso em 1 abr. 2024). Um relato pungente sobre esse assunto pode ser lido em Kopenawa; Albert, 2015, p. 334-372.

se transformar no seu oposto – indiferença, rejeição – pelo que de insuportável há para nós no confronto com a vulnerabilidade. Mas Rodrigo S. M. engole seco e prossegue.

Segue contando flashes da vida de Macabéa, como quando cobiçou um livro que viu na mesa do chefe, ela que nunca recebia presentes. O livro era *Humilhados e ofendidos*<sup>14</sup>. Olhou o livro e ficou pensativa, como que de algum modo se reconhecendo no título, mas logo “chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo o que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?” (HE, p. 40). Por um instante, ela quase se percebeu no lugar social que ocupava, mas logo se desviou da sensação justificando os outros que, afinal, nada podiam fazer por ela, e ela mesma, que não tinha por que lutar ou gritar.

Em perspectiva mais intimista, quase lírica, Rodrigo se pergunta sobre se ela conheceria um dia o amor e constata que não sabe, mas que sabe que a vida de todo mundo “é um pouco triste e um pouco só” (HE, p. 40). A referência à vida de todo mundo inclui Macabéa no conjunto que somos todos nós. Conta também que um dia ela viu um moço tão bonito que só podia era ser visto, não teria coragem nem de comer na frente dele (HE, p. 41).

E seguindo mostrando as coisas de que ela gosta, que deseja ou que a emocionam, Rodrigo chega à “única coisa belíssima de sua vida”, a música “Una Furtiva Lacrima”<sup>15</sup>. Chorou pela primeira vez na vida quando a ouviu no rádio e depois tentou cantá-la para Olímpico. Rodrigo imagina que ela chorou porque, “através da música, adivinhava que talvez havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com certo luxo de alma” (HE, p. 51). Luxo que talvez ela tivesse, ela que “tinha muita liberdade interior” (HE, p. 72).

É assim que Rodrigo, como que entregando-se ao enternecimento por Macabéa, depois de contar que ela tinha ovários murchos e que gostava de filmes em que mulheres são assassinadas ou se matam, como que pressentindo a impossibilidade de sua vida, diz: “Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver” (HE, p. 59). E assim entendemos que o grande luxo de viver é ser cuidada(o).

E, por fim:

Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela. Quisera eu tanto que ela abrisse a boca e dissesse:

<sup>14</sup> Romance de Dostoiévski.

<sup>15</sup> Composição de Gaetano Donizetti, parte da ópera *L'elisir d'amore*. Há gravações de Caruso e de Pavarotti disponíveis na internet.

– Eu sou sozinha no mundo e não acredito em ninguém, todos mentem, às vezes até na hora do amor, eu não acho que um ser fale com o outro, a verdade só me vem quando estou sozinha (HE, p. 68-69).

Rodrigo S. M. está inteiramente entregue ao amor que o moveu até aí. Está apaixonado pela existência invisível de sua Maca e gostaria que ela falasse denunciando o abandono a que foi submetida. Que tivesse consciência do fato de que ninguém a ajuda, ela que contava com a ajuda dos sete bilhões de seres humanos espalhados pelo planeta. Macabéa não tem o apoio que pensa ter e por isso é vulnerável. Rodrigo a ama; ele é, de fato, o único apoio que ela tem. E é esse apoio em forma de amor que ele quer despertar em nós que o lemos, por meio da exposição direta do que o atinge sem que ele entenda: “Essa história são apenas fatos não trabalhados de matéria-prima e que me atingem direto antes de eu pensar” (HE, p. 69).

## 6 O desenlace

Rodrigo S. M., assim, amando Macabéa e nos mostrando com crueza toda a dimensão do seu desamparo – ou da sua vulnerabilidade –, nos conduz ao desenlace da sua história. Incentivada por Glória, Macabéa vai à consulta com a cartomante. Encontrou fácil a casa para onde foi de táxi, se dando ao luxo de gastar, já que o dinheiro tinha sido emprestado por Glória. A cartomante, madama Carlota, a recebe com tanta atenção que Macabéa estranha, pois “faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho” (HE, p. 71-72). Ao mesmo tempo, come bombons na frente dela sem oferecer, ao que ela não contesta, pois bem sabe que “as coisas são dos outros” (HE, p. 73). A respeito disso, como já vimos, não lhe faltam antecedentes. Assim, a madama, ao mesmo tempo em que a surpreende com o excesso de afeto nas palavras, age como os outros sempre agiram com ela, guardando para si o que é seu.

Aproveita para contar muito da própria vida, mostrando os sucessos que teve e creditando tudo a Jesus, seu amigo, o salvador que “salva mesmo”. Aconselha Macabéa a ser também “fã de Jesus” (HE, p. 72-73). E tudo vai sendo contado com grande verbosidade, ao que Macabéa reage assustada, respondendo que sim quando a madama pergunta se ela tem medo das palavras (HE, p. 75). Medo que parece ser do excesso de palavras que podem conter excesso de vida e de verdade sobre si, como antes já tivera medo do excesso de corpo do rinoceronte.

Em meio a essa fala descarrilhada, a madama conta que antes vivia de vender o corpo e que teve também amores e inclusive um especial que até batia nela e com quem ela ficava por gosto e não por trabalho; quando apanhava, sentia que ele gostava dela (HE, p. 74). Essa passagem nos remete à pergunta de Macabéa quando via um soldado, “será que ele vai me matar?”. Na cultura misógina, a violência do homem sobre a mulher muitas vezes é a única face

do afeto percebida pela mulher. A madama, percebendo que Macabéa era frágil demais para esse tipo de amor carregado de brutalidade, sugere que ela deveria experimentar amar mulheres pois era algo mais delicado (HE, p. 74). A madama, como Glória, se submetia facilmente ao lugar relegado socialmente às mulheres – o de suportar a brutalidade do desamor travestido de amor –, mas percebeu que para Macabéa isso seria mais doloroso. Toda feita vulnerável, não há lugar para Macabéa nessa cultura.

Pois bem, depois de toda essa conversa inicial, vão para a leitura da sorte, e Macabéa reparte o monte de cartas trêmula, pois “pela primeira vez ia ter um destino” (HE, p. 75). A madama se assusta com o que vê e reage: “Macabeazinha, que vida horrível a sua!” (HE, p. 76). Macabéa também se assusta, pois nunca tinha pensado assim sobre sua vida, mas logo se conforta, pois madama Carlota anuncia que o futuro reserva grandes mudanças e alegrias para ela; pela primeira vez, Macabéa se enche de esperança e, acompanhando-a, Rodrigo S. M. também se sente esperançado (HE, p. 76-77).

A grande previsão é a de que ela vai encontrar um novo namorado com quem vai se casar, um estrangeiro bonito e rico chamado Hans que vai dar a ela “muito amor”, fazendo com que ela deixe de ser a “enjeitadinha”; Macabéa, ao escutar tudo isso, começou a “tremelicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade” (HE, p. 77). Mais uma vez Macabéa nos mostra seu medo do excesso, e a vida que a madama lhe promete é toda excessiva.

Assim, emocionada e trêmula, ela sai da casa da madama para ir ao encontro de seu destino; sai feliz e até beija a madama e acha bom beijar. Depois de se tornar consciente da miséria de sua vida, explode em esperança pelo futuro prometido (HE, p. 78-79). “Grávida de futuro”, cheia de uma esperança que a desespera, com a vida gritando em si, Macabéa sai do apartamento e chega à rua na luz do crepúsculo; Madama Carlota tinha dado a ela uma “sentença de vida” e mudara sua vida por meio das palavras (HE, p. 79). O amor prometido tinha mudado toda a sua percepção de si e da vida.

Tudo de repente era muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria.

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho (HE, p. 79).

A imagem do cavalo é cara a toda a obra de Clarice Lispector e aqui o relincho surge como eco do acontecimento para o qual toda a trajetória de *A hora da estrela* vem nos preparando: Macabéa é atingida pela força da violência que será capaz de matá-la. A moça vulnerabilizada por um mundo todo feito contra ela, por sete bilhões de pessoas que não a amam

e nada lhe dão, nem mesmo um telefonema, recebe a promessa de um destino e ele vem em forma de violência. Por ora, falhamos em cuidar de Macabéa, nós e Rodrigo S. M.

Caída no chão, de seu corpo sai sangue vermelho e rico, “o que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia poderia reivindicar o seu direito ao grito” (HE, p. 80). Rodrigo afirma assim a sua força depois de ter dito, no início da história, que Macabéa não tinha nada, e que mesmo o sangue, só saberíamos que ela o tinha se fosse um dia derramado (HE, p. 26). O sangue fora derramado e se mostrara com sua força e riqueza. Macabéa no chão é ainda a portadora do sopro de vida que surpreendeu seu criador por ser “quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida” (HE, p. 60).

Ela própria percebe essa força, ao ver de passagem o luxo do carro que se aproximara dela, e depois o capim ralo nascendo, verde de esperança, entre as pedras do esgoto perto de onde está caída: “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci”. Para ela, até o capim ralo, como era rala a sua vida, já é excesso de vida e Rodrigo diz sobre isso que sua alma era mais virgem que seu corpo (HE, p. 80). Macabéa se sente nascer como o capim na greta suja do esgoto. A vida nela se esgueira em meio ao caminho que vem trazendo para ela a morte. Uma vida “à-toa” como fala Rodrigo sobre ela, comparando-a com o capim ralo na “cidade inconquistável” (HE, p. 81). Vida à-toa, mas vida ainda.

O narrador prossegue com dificuldade, tentando “fazer o possível para que ela não morra” (HE, p. 81). Rodrigo S. M. deixa claro que não tem controle sobre o que escreve. Sua criação não é livre como gostaria que fosse. Quer salvar Macabéa da morte, mas não consegue, ela segue seu destino. Caída no chão, começa a chover e algumas pessoas se aproximam para olhar; só de olharem, alguma existência é a ela conferida (HE, p. 81). Em sua hora derradeira, Macabéa sai da invisibilidade. Entretanto, agora o olhar do outro, ainda que lhe favoreça a existência, não tem mais poder algum sobre sua vida, não serve mais de apoio. Resta a culpa, e Rodrigo hesita em perguntar sobre quem seriam os culpados e mais, se se deve ou não perdoar e amar os culpados (HE, p. 81).

A música que acompanha a história reaparece com o homem “magro de paletó puído” tocando violino; Rodrigo reafirma que escreve sem enfeites, se desnudando, mas que tem medo da nudez. Macabéa, no chão, se desnuda mais e mais tornando-se si mesma (HE, p. 82). Rodrigo S. M. reza: “Macabéa, Ave Maria, cheia de graça, terra serena da promessa, terra do perdão, tem que chegar o tempo, ora pro nóbis, e eu me uso como forma de conhecimento. Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti” (HE, p. 82). O

desnudar de Macabéa é também o desnudar de Rodrigo e de certo modo de nós todos que nos reconhecemos no corpo caído e no esforço do relato.

Macabéa está caída e caminha para a morte por nós que não cuidamos dela. Por nossa culpa? Para que nos salvemos por meio dela? Rodrigo se pergunta sobre se ela pede perdão (HE, p. 83). De que ela deveria ser perdoada? Ou somos todos nós que necessitamos do perdão por sua morte? Ela talvez precise mais da própria morte, para experimentar a ressurreição (HE, p. 83). E então Rodrigo nos pede:

Rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago (HE, p. 83).

Rodrigo quer vida para a sua querida Maca e nos pede ajuda para aumentar nela o *sopro de vida*. Tem esperança de que, se todos nós pararmos o que estivermos fazendo e soprarmos nela a vida, ela consiga vencer a morte. Mas não se trata de esperança idealizada, a vida dói como um “soco no estômago”. A vida é o mais difícil e Rodrigo quer vida para si e para Macabéa.

Por isso segue com ela até onde o fôlego o levar. Seria mais fácil matá-la logo ou abandoná-la com a história inacabada. Mas ele segue até o fim e se pergunta: “Meu fôlego me leva a Deus? Estou tão puro que nada sei. Só uma coisa eu sei: não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso?” (HE, p. 83-84). Desnudado, Rodrigo já não sabe de nada. A pergunta sobre ter ou não piedade de Deus revela o alcance desse não saber. Sabe apenas que deve ir com ela até o fim.

Deus aí evocado reaparece logo à frente, quando ele nos diz que Macabéa, colocando-se em posição fetal, busca “no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (HE, p. 84). O sopro de vida que ele nos pediu que levássemos a Macabéa está agora recolhido na interioridade escura e profunda de si, e sua origem é Deus. Ela não o encontrou em nós e só resta buscar em si mesma o que Deus lhe dera. Na absoluta solidão, Rodrigo S. M. evoca o Deus criador com o qual antes se identificara. Agora já não é o criador de Macabéa, é seu acompanhante humano, o único que segue com ela e vê o que se passa:

Então – ali deitada – teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdão a clarividência.

Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais de Deus? Sim? Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. Não, não era a morte porque não a quero para a moça: só um atropelamento que não significava sequer desastre (HE, p. 84).

Macabéa tem vontade de viver e Rodrigo quer para ela a vida. Mesmo diante do abraço da morte, é ainda a esperança de vida que impera. Vida que se impõe com a sensualidade do desejo, expressão suprema do império da vida. E é a força desse desejo que faz com que Rodrigo afirme que, se ela morrer, é aí mesmo, no ato da morte, que se realiza como mulher, realiza o desejo contido, a entrega. Como num nascimento. No “desmaio de amor” em que se dá o “doloroso reflorescimento” (HE, p. 84-85).

É então que Macabéa fala claramente o que ninguém que está em torno entende: “Quanto ao futuro” (HE, p. 85). Rodrigo se pergunta se ela tem saudade do futuro e no mesmo instante ouve a música antiga que diz *sim* e Macabéa sente náusea e vontade de vomitar algo luminoso, o que não tem corpo, “estrela de mil pontas”, mas vomita sangue em “vasto espasmo, enfim o âmago tocando o âmago: vitória!”; uma gaivota grita e a vida come a vida em imagens de bichos comendo outros bichos (HE, p. 85).

E, enfim, Macabéa morreu. Rodrigo S. M. pergunta: “Qual foi a verdade de minha Maca?” e a resposta se lhe escapa (HE, p. 85). Sente que morreu com ela e que voltou da morte inocentado, mas ainda assim o veem como culpado; deseja ter as mãos e os pés lavados e perfumados, tem vontade de alegria, e ainda consegue dizer que “a morte é um encontro consigo” e que Macabéa o matou; pede desculpas por não ter conseguido evitar a morte dela (HE, p. 86). Sente-se morrer com ela, encontra-se consigo mesmo?

Rodrigo está sozinho, sem a sua Maca, e escuta o silêncio que se segue: “Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa”; após o que se pergunta: “Qual é o peso da luz?”; Macabéa tinha virado ar, tinha virado luz e Rodrigo quer saber agora sobre o ar e a luz (HE, p. 86-87). E encerra assim a sua história:

E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – eu também?  
Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.  
Sim (HE, p. 87).

O livro que se iniciara dizendo que tudo começa com um “sim”, termina com um “sim”. Macabéa vive em nós e essa sua vida rebrotada se inicia ao fim do livro. Por enquanto, no tempo de morangos, a vida segue seu caminho, vida comendo a vida e nós estamos com Rodrigo S. M. fechando o livro e indo para casa. Antes da morte de cada um, resta o trabalho pela vida. Rodrigo nos conduziu até aqui e o silêncio, que faz com que ele pense no silêncio de Deus, é

um chamado para que cada um procure pela senda de vida por onde nasce o capim ralo e por onde desce o sangue rico de Macabéa.

Vale aqui mencionar pelo menos duas passagens em que vemos o amor de Deus por Macabéa. A primeira delas conta da graça que a tomava de vez em quando. Sentia-se de repente “feliz, feliz, feliz”, “de alma quase voando”. E Rodrigo comenta que Deus parecia lhe dar o que lhe tirava (HE, p. 63). Na vida vazia em que não contava com nada nem ninguém em torno dela, Deus a presenteava com momentos de alegria gratuita. A outra passagem fala do perdão. Ela, que não sabia rezar e nunca se dirigia a Deus, pediu perdão por ter pegado um biscoito escondido no dia em que foi lancha na casa de Glória ao “Ser abstrato que dava e tirava”, e “sentiu-se perdoada. O Ser a perdoava de tudo” (HE, p. 66).

O amor de Deus e de Rodrigo nos conduzem para o que pode ser a saída para nós, agora que ela já encontrou sua rota de saída da vida e já não precisa mais de nós. Falhamos com ela, mas ela ainda pode nos dar alguma coisa.

## **7 Redenção: amar e chorar por Macabéa**

Macabéa, ser interdependente como somos todos nós, não encontrou no mundo a ajuda que precisava para manter-se viva. A morte por atropelamento por um homem rico que dirigia um carro ostensivo, simboliza para nós a violência inerente a um sistema sociocultural que passa por cima dos vulnerabilizados pelas práticas do próprio sistema (além de poder ser entendida como imagem do holocausto, como vimos acima com Joanna Moszczynska).

A figura de Macabéa pode ser lida por nós como um ponto em que se dá a confluência radical de subalternidades, de modo a tornar quase impossível o atendimento à demanda social que se impõe ao sujeito que luta por se constituir: “uma encruzilhada que não é um sujeito, mas a demanda, impossível de satisfazer, de refazer significantes convergentes entre tais categorias e por meio delas” (Butler, 2019, p. 204). Nessa encruzilhada, não há sujeito algum, há o esforço de subjetivação que fracassa ao não encontrar apoio, na medida em que cada marcação que se sobrepõe à outra esvazia a possibilidade de afirmação do sujeito (Butler, 2019, p. 220).

Seria preciso então fazer um caminho *outro* para salvar Macabéa. Aprender a amar a mulher nordestina, encardida, pobre e feia é a senda por onde temos a chance de caminhar e fazer brotar mais e mais vida. Amar aquela que é completamente destituída de qualquer marca positiva, de acordo com as demandas que a atingem. Rodrigo S. M. desde o início se diz culpado por não ter feito nada de concreto pela moça (HE, p. 23), mas podemos tomar o amor que ele tem por ela como o caminho para uma ação concreta que seja capaz de fazer frente ao *desamor*

que a constitui. Se há sempre um discurso que precede a construção da possibilidade de que alguém fale “eu” a partir de si mesmo (Butler, 2019, p. 370-371), cabe a nós perceber e combater os discursos que levaram Macabéa a dizer que não se sente muito *gente* (HE, p. 48). O que vimos ser dirigido a ela ao figurarmos aqui o seu *retrato*, foi sempre um discurso de desqualificação e rebaixamento, com a tonalidade afetiva do vazio, ou seja, do *desamor*. Ainda que saibamos que esses discursos estão ancorados em redes de dominação com raízes sociopolíticas, que requerem lutas específicas, podemos também afirmar que o amor tem força para combater o seu oposto.

Quando Rodrigo S. M. sente raiva pela falta de fibra de Macabéa, que de nada reclama e nada reivindica, se sente oco (HE, p. 26). Macabéa simplesmente *é*, e repetidamente escutamos, como num eco: “já que sou, o jeito é ser” (HE, p. 33). Ela própria não pôde fazer nada por si, e mesmo Rodrigo que a mostrou a nós com amor, não pôde protegê-la da morte. Entretanto, como vimos, mais de uma vez ele nos chama, a nós leitoras e leitores de *A hora da estrela*, à responsabilidade de cuidar dela, como a deixar claro que ele não poderá protegê-la. Podemos entender sua impossibilidade no contexto de uma reflexão sobre a impotência da literatura; Rodrigo é o narrador, o que ele faz não interfere no mundo, e a própria Clarice Lispector não acredita que o que faz tenha poder de mudar algo no mundo (Lispector, 1977). Mas nós que lemos o que Rodrigo nos narrou, temos a chance de transformar o que vimos em ação no mundo.

É assim que, depois de percorrer com ele a história e o fim da vida de Macabéa, temos a chance de, por meio do amor, se ele tiver brotado em nós, olhar para o mundo com suas outras tantas Macabéas sem a indiferença que a matou. Como ela própria um dia se amou, quando pediu ao chefe uma folga e passou o dia consigo mesma, como que descansando de representar. Sentia-se “l-i-v-r-e”, dançava e rodopiava sozinha em seu quarto; olhou-se no espelho e foi feliz com o que viu (HE, p. 41-42). Como Rodrigo, que vimos declarar-se por ela e que, ao comentar que ela se sentia um acaso na vida, nos lança a pergunta: “quem não é um acaso na vida?” (HE, p. 36). Cada um de nós é um acaso e deve atravessar a vida – quem sabe em tempo de morangos e tendo a graça de se amar e se cuidar. Mas, ainda assim, nada podemos se não contamos com o apoio de outros em torno de nós.

Rodrigo S. M., na verdade Clarice Lispector, parece nos perguntar: você que, como Macabéa, é um acaso que tem a graça de viver e vive graças ao suporte que recebe dos outros em torno, o que faz por ela?

Lembrando Judith Butler, para que cada pessoa viva, é necessário todo um tecido social que a apoie. Macabéa, sozinha, não tem como garantir seu direito à autodefesa (Butler, 2021, p. 27). Rodrigo aponta para o seu direito ao grito e se queixa de que ela não o exerça, mas resta a pergunta sobre se seria possível a ela, destituída das possibilidades de construção de si, exercer esse direito. Ele sente raiva por ela não gritar, e sente assim porque a ama, mas mesmo amando-a entendemos que ela não tem como gritar, porque nem se reconhece no lugar da necessidade do grito. A ela nada foi dado e é preciso que nós recuperemos para ela a possibilidade da existência.

Quando Butler pergunta sobre “o que torna uma vida valiosa?”, está chamando a atenção para que tenhamos consciência da desigualdade que constitui nosso tecido social e que nos tornemos capazes de “criar um imaginário igualitário” (Butler, 2021, p. 38). O que torna uma vida valiosa é o valor conferido a ela pelo tecido social em torno. O amor?

Butler, ainda que tome para sua reflexão a hesitação de Freud em relação à ambivalência do amor, nos lembra de que ele afirmou, em *O mal-estar na civilização*, que o mandamento do amor em sua formulação *ama teu próximo como a ti mesmo* é “a defesa mais poderosa contra a agressividade humana e um excelente exemplo do procedimento antipsicológico do superego cultural” (Freud citado por Butler, 2021, p. 38). O amor como *dever* instaurado pelo mandamento cumpre função antipsicológica por pretender forçar uma ação humana no mundo não regida pelo desejo autocentrado; é o desejo pela vida que se requer. E como já lemos aqui, Butler afirma que a vida a ser desejada não pode ser simplesmente a minha, mas também a do outro, e que esse desejo implica no desejo pela *vida* na qual estão implicadas a minha vida, assim como a sua e a dela(e), ou seja, a vida de todos nós como humanidade que se apoia mutuamente (Butler, 2021, p. 155).

E é nesse sentido que a filósofa afirma que não é preciso o amor para lutarmos pelas vidas todas, porque basta para isso a consciência da interdependência que nos une (Butler, 2021, p. 63; 155). Recorrer ao amor não seria assim necessário, mas faço aqui a aposta de que com o amor essa luta se faz mais óbvia. Se não conseguimos esclarecer por completo à questão sobre a origem da força destrutiva em nós (Butler, 2021, p. 129), cabe combatê-la com seu antagonista.

Desejar o desejo pela vida do outro é o combate mais radical da violência que culmina no desejo pela morte do outro e que se concretiza no assassinato. O homicídio, segundo Butler, é o ápice da violência; e inversamente, é preciso ter claro que toda violência tende para o ápice, ou seja, toda violência aponta para a possibilidade do homicídio (Butler, 2021, p. 145). A pessoa

assassinada é aquela vista como *matável*. Na cultura misógina, mulheres são matáveis, e olhar para um ponto vulnerável do tecido social ajuda a perceber os outros pontos; assim, do feminismo se pode caminhar para as outras lutas necessárias numa dada sociedade (Butler, 2021, p. 146). Ou, da misoginia se pode caminhar para a percepção das outras formas de desamor que marcam com a dor do desafeto as pessoas vulnerabilizadas em dada sociedade.

Macabéa, desamada por quase todos em torno de si, nos é apresentada por meio do amor de Rodrigo S. M. Ele é o narrador/criador que deseja o desejo pela vida de Macabéa e nos convoca a agir por ela no mundo. O imaginário igualitário sonhado por Butler pode ser imaginado por nós como o mundo regido pelo amor sonhado pela esperança cristã. Amando Macabéa e chorando sua morte, temos a chance de agir no mundo de acordo com esse imaginário.

## Conclusão

Por meio da análise de *A hora da estrela* colocada em diálogo com o aporte teórico-filosófico de Judith Butler sobre a interdependência que nos constitui e a vulnerabilidade que temos produzido como civilização, chegamos ao final deste texto com a esperança de fazer da interdependência o chão para a construção de um *outro* tipo de tecido social. Com a imaginação aberta pela proposta de Butler de que criemos um *imaginário igualitário* e com o sonho cristão de um mundo regido pelo amor, choramos a morte de Macabéa e, por ela, imaginamos um mundo em que ela não estivesse morta. Um mundo em que tivesse tido o apoio necessário para a manutenção de sua vida e em que sua morte fosse sentida como perda dolorosa.

Entretanto, o imaginário pedido por Butler e pelo Papa Francisco, representantes da reflexão filosófica atea e da teologia cristã, não deve ser concebido como um objeto estético que apenas tenha valor em si mesmo. Deve ser um guia ético para a ação humana no mundo. Imaginar é o primeiro passo para a ação. Sem um mundo sonhado, não há como o construirmos. Mas sem a construção, o imaginado morre. Encerro como Macabéa saiu da casa da madama, *grávida de futuro*, prene da esperança de que sejamos capazes de caminhar na direção da construção do mundo humano feito rede indestrutível de apoio a todas as vidas, todas valiosas e dignas de luto.

## Referências

ADÃO, Francys Silvestrini. **Comentário sobre a Liturgia do dia**. Publicação diária em Facebook e Instagram. 6 ago. 2023.

ALMEIDA, Marília Murta de. **Sobre o matar e o morrer: reflexão sobre a lei a partir de Clarice Lispector e Paul Beauchamp.** *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 155-178, jan./abr. 2022.

ALMEIDA, Marília Murta de. **Da ira à esperança – Um traçado ético-poético-teológico na obra de Clarice Lispector.** *Tese de doutorado*, 2021. Disponível em: Da ira à esperança: um traçado ético-poético-teológico na obra de Clarice Lispector – Portal FAJE (faculdadesjesuita.edu.br), acesso em 25 mar. 2024.

ALMEIDA, Marília Murta de. **Perfis femininos no romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector.** In: *Filosofia e educação*. Campinas, SP, v.11, n.1, p. 119-138, jan./abr. 2019.

ALMEIDA, Marília Murta de. ***Um deus no tempo ou um tempo cheio de deus. O temporal e o eterno em Clarice Lispector, em diálogo com Kierkegaard.*** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ARTICULAÇÃO Brasileira pela Economia de Francisco e Clara. **A economia de Francisco e Clara: denúncias às violências financeiras e anúncio de economias para o bem viver.** Belo Horizonte: ABEFC, 2023. Recurso eletrônico disponível em [CARTILHA ABEFC2023 PORT DIGITAL.pdf](https://www.abefc.org.br/CARTILHA_ABEFC2023_PORT_DIGITAL.pdf) ([economiadefranciscoeclara.com.br](http://economiadefranciscoeclara.com.br)). Acesso em 26 mar. 2024.

BENEVIDES, Bruna G. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022.** Dossiê em formato eletrônico. Brasília: ANTRA, 2023. Disponível em [dossieantra2023.pdf](https://www.antra.org.br/dossieantra2023.pdf) ([antrabrasil.org](http://antrabrasil.org)). Acesso em 1 abr. 2024.

89

BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político.** São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam. Os limites discursivos do “sexo”.** São Paulo: n-1 edições, 2019. Formato virtual disponível em [Corpos que importam \(usp.br\)](https://www.usp.br/corpos-que-importam). Acesso em 11 mar. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTAXO, Mariana Gomes. **Representação feminina em “A hora da estrela”: a mulher subalterna enquanto um significante vazio.** *Revista Três Pontos*, v. 11, n. 2, 2016. p. 187-192. Disponível em [Representação feminina em “A Hora da Estrela”: A mulher subalterna enquanto um significante vazio | Revista Três Pontos \(ufmg.br\)](https://www.ufmg.br/revista-tres-pontos/representacao-feminina-em-a-hora-da-estrela-a-mulher-subalterna-enquanto-um-significante-vazio). Acesso em 27 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti: Sobre a amizade e a fraternidade social.** 2020. Versão eletrônica disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em 26/3/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GOTLIB, Nácia Battella. **Clarice Lispector: a conferencista e o direito de narrar.** *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 72. Org. Gutemberg Medeiros. São Paulo: Imprensa Oficial Editora, 2017. p. 67-85.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LACERDA, Tessa. **O século XVII e o debate contra a misoginia: história, violência e resistência.** *Discurso*, v. 53, n. 1, 2023. São Paulo. p. 196-210. Disponível em [www.revistas.usp.br/discurso/article/view/213920](http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/213920). Acesso em 26 mar. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer.** São Paulo: Siciliano, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **Entrevista para o programa Panorama, TV cultura, 1977.** Transcrição com comentário do entrevistador disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>, acesso em 10 de junho de 2019. Vídeo completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>, acesso em 10 de junho de 2019.

MORAES, Dênis de. Blog de Boitempo. 2013. In: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/05/o-humor-de-henfil-contra-quem-oprime/>. Acesso em 1 abr. 2024.

90

MORAES, Vinícius de. **Novos Poemas II.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

MOSZCZYNSKA, Joanna. **Clarice Lispector e a latente escritura do desastre.** *Revista digital de estudos judaicos da UFMG*, v. 11, n. 21, nov. 2017. p. 1-20.

NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector.** Coleção Escritores Hoje, São Paulo, Quíron, 1973.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector – A travessia do oposto.** São Paulo: Annablume, 1999.

VILLARES, Lucia. **Racismo e o exercício da branquitude em A hora da estrela.** *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 72. Org. Gutemberg Medeiros. São Paulo: Imprensa Oficial Editora, 2017. p. 86-104.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.